

RB 19 – Da maneira de Salmodiar

RB 19 – The Way to Salmon

D. ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB*

Resumo: Salmodia e oração silenciosa não constituem mais do que dois aspectos de uma mesma realidade, dois momentos de um mesmo movimento da alma para Deus. Este capítulo 19 da Regra de São Bento nos ensina como deve ser o nosso comportamento interior, ao tomar parte no Ofício Divino. A estrutura do capítulo é muito simples. Começa com um preâmbulo, no qual se exprime a fé na presença onipresente de Deus, fé que deve ser exercida, sobretudo durante o Ofício Divino (v. 1-2). E como consequência final, São Bento expressa a maneira de se comportar na presença de Deus e de seus anjos (v. 6) e, mais especificamente, no modo de salmodiar: *Mens nostra concordet voci nostrae* (v 7), em que sintetiza a relevância da espiritualidade do Ofício Divino. Se é verdade que estamos na presença de Deus e lhe oferecemos, na companhia dos anjos, o culto que lhe é oferecido, devemos agir verdadeiramente, com a devida atenção nas palavras do salmo, a serem pronunciadas com a devida apropriação do seu conteúdo, para que os nossos pensamentos concordem com o que dizem os nossos lábios.

Palavras-chave: Salmo. Saltério. Ofício Divino. São Bento. RB. Liturgia.

Abstract: Psalmody and silent prayer are but two aspects of the same reality, two moments of the same movement of the soul towards God. This chapter 19 of the São Bento Rule teaches us how our inner behavior should be when taking part in the Divine Office. The structure of the chapter is very simple. It begins with a preamble, in which faith is expressed in the omnipresent presence of God, a faith that must be exercised, especially during the Divine Office (v. 1-2). And as a final consequence, São Bento expresses the way to behave in the presence of God and his angels (v. 6) and, more specifically, in the way of psalm: “*Mens nostra concordet voci nostrae*” (v 7), where he synthesizes the relevance of the spirituality of the Divine Office. If it is true that we are in the presence of God and offer him, in the company of angels,

* D. Anselmo Chagas de Paiva é Doutor em Direito Canônico e Diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Contato: d.anselmo@corporativo.msbrj.org.br

the worship that is offered to him, we must act truly, with due attention to the words of the psalm to be pronounced, with the appropriate appropriation of its content, to let our thoughts agree with what our lips say.

Keywords: Psalm. Psalter. Divine Office. They're Benedict. RB. Liturgy.

Introdução

São Bento nos apresenta, neste capítulo, alguns critérios sobre a maneira de salmodiar, logo após os capítulos em que descreve como deve ser feita a distribuição e organização litúrgica dos salmos (cf. RB 8-18), e mostra a sua preocupação em não somente elencar, teoricamente, a recitação do Saltério, mas como fazê-la, espiritualmente; ou seja, de coração e de alma¹. O Ofício Divino é o ato litúrgico da Igreja que se realiza na presença de Deus; é um cantar para Deus.

Antes de entrarmos no âmago do capítulo, podemos lembrar que o saltério é apresentado como um formulário de orações, uma coletânea de cento e cinquenta Salmos, que a tradição bíblica oferece aos fiéis, para que se tornem a sua, a nossa oração, o nosso modo de nos dirigirmos a Deus e de nos relacionarmos com Ele. Neste livro, encontra-se expressa toda a experiência humana, com os seus múltiplos aspectos, bem como toda a gama de sentimentos que acompanham a existência do homem.

Nos Salmos entrelaçam-se e exprimem-se alegria e sofrimento, desejo de Deus e percepção da própria indignidade, felicidade e sentido de abandono, confiança em Deus e solidão dolorosa, plenitude de vida e medo, diante dos eventuais desafios. Toda a realidade do crente conflui nestas orações que o povo de Israel e, posteriormente, a Igreja, assumiram como mediação privilegiada da relação com o único Deus e resposta adequada ao Seu revelar-se na história. Enquanto orações, os Salmos constituem manifestações da alma e da fé, em que todos se podem reconhecer e nos quais se comunica aquela experiência de particular proximidade com Deus, à qual cada homem é chamado. E é toda a complexidade do existir humano que se concentra na complexidade das diversas formas literárias dos vários Salmos: hinos, lamentações, súplicas individuais e comunitárias, cânticos de ação de graças, Salmos sapienciais e outros gêneros, que se podem encontrar nestas composições poéticas².

Os sacerdotes e os religiosos têm o dever canônico de celebrar a Liturgia das Horas, mas ela é também recomendada aos leigos, quer nas paróquias quer nos agregados eclesiais (cf. cân. 276 § 2; 664 § 3). Através da celebração do

1 Cf. C. COLLART, *A sabedoria de São Bento para o nosso tempo*, São Paulo, Palavra e Prece, 2011, p. 113.

2 Cf. BENTO PP XVI, *O povo de Deus que reza: os Salmos*, in *L'osservatore Romano* 23 (Cidade do Vaticano, 25 de junho de 2011), p. 1-2.

Ofício Divino, pode-se percorrer, através da recitação dos salmos, os vários sentimentos do ânimo humano que eles manifestam: alegria, reconhecimento, ação de graças, amor, ternura, entusiasmo, mas também sofrimento intenso, recriminação, pedido de ajuda e de justiça, que por vezes acabam em cólera e imprecações³. Nos Salmos, o ser humano pode encontrar-se consigo mesmo, mediante a possível identificação com os sentimentos do salmista⁴.

Inserindo-se, vitalmente, na tradição orante dos hebreus, os cristãos aprenderam a rezar cantando as maravilhas de Deus, isto é, as grandes obras realizadas por Deus, quer na criação do mundo e da humanidade, quer na história de Israel e da Igreja. Esta forma de oração, tirada das Escrituras, não exclui expressões mais livres, elas continuarão não só a caracterizar a oração pessoal, mas também a enriquecer a própria oração litúrgica, por exemplo, com hinos e cânticos. O livro do Saltério permanece, contudo, sendo a fonte ideal da oração cristã, e nele se continuará a inspirar a Igreja, em cada época⁵.

O próprio Jesus ressuscitado aplicou a si próprio os Salmos, quando disse aos discípulos: “Era necessário que se cumprisse tudo quanto a meu respeito está escrito em Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24, 44). Alguns Padres da Igreja acrescentam que nos Salmos se fala a Cristo, ou até que é Cristo quem fala. Surge assim, para o cristão, a possibilidade de ler o Saltério à luz de todo o mistério de Cristo. Precisamente, esta ótica faz emergir também a sua dimensão eclesial, que é realçada de maneira particular pelo cântico coral dos Salmos. Compreende-se, desta forma, como os Salmos foram assumidos, desde os primeiros séculos, como oração pelo Povo de Deus. Se, em alguns períodos

3 No livro de salmos encontramos cerca de 20 salmos que são classificados como salmos imprecatórios, que vem da palavra “imprecação”, que quer dizer maldição, praga, por conta da sua mensagem, contendo pedidos a Deus pelo castigo de inimigos. Para compreender essas duras falas de diversos salmistas, é preciso fazer algumas considerações importantes. Inicialmente, é preciso considerar o contexto bíblico. Estamos falando de salmos anteriores à Lei de Moisés, e também de salmos do tempo da lei. Nesse tempo, não havia ainda uma revelação plena dos planos de Deus e, principalmente, dos planos de Deus para o julgamento final, quando os perversos serão plenamente punidos pela justiça de Deus. Ou seja, as pessoas que viviam nesse período tinham como base as alianças feitas com Deus, nessas épocas. Isso mostra que essas pessoas tinham em suas mentes, que o triunfo de Deus contra o mal, ocorria ainda em vida. Por esta razão, o desejo do salmista em ver o bem triunfando sobre o mal, tal como observamos nestes salmos chamados imprecatórios. A vitória de inimigos malignos, para os servos de Deus dessas épocas, parecia indicar que Deus não estava fazendo justiça: “Até quando o adversário irá zombar, ó Deus? Será que o inimigo blasfemarà o teu nome para sempre?” (Sl 74,10). Encontramos claramente nesses salmos um desejo grandioso de seus autores, não de vingança puramente pessoal, mas de honra ao nome de Deus, de sua justiça e do triunfo do bem sobre o mal. Eles claramente acreditavam que o triunfo de inimigos e do mal representava uma afronta ao santíssimo nome de Deus, como nos relata o Sl 109,21: “Mas tu, Soberano Senhor, intervém em meu favor, por causa do teu nome. Livra-me, pois é sublime o teu amor leal!” (cf. J. L. McKENZIE, *Salmos*, in *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1983, p. 827-830).

4 Cf. S. JOÃO PAULO PP II, *Audiência Geral: Os Salmos na Tradição da Igreja*, in *L'Osservatore Romano* 12 (Cidade do Vaticano 2 de abril de 2001), p. 4.

5 Cf. S. JOÃO PAULO PP II, *Audiência Geral: Os Salmos na Tradição da Igreja*, in *L'Osservatore Romano* 12 (Cidade do Vaticano 2 de abril de 2001), p. 4.

históricos, se verificou uma tendência para preferir outras orações, foi grande mérito dos monges manter viva, na Igreja, a chama do Saltério. Um deles, São Romualdo de Camaldoli, no início do segundo milênio cristão, chegou a defender que são os Salmos o único caminho para experimentar uma oração verdadeiramente profunda⁶.

Pouco a pouco, os primeiros cristãos descobriram alguns Salmos particularmente apropriados a determinados momentos do dia, da semana ou do ano, recolhendo neles um sentido profundo em relação ao mistério cristão. É uma testemunha competente deste processo, São Cipriano, que assim escreve: “É necessário, de fato, rezar desde o início do dia, para celebrar na oração da manhã a ressurreição do Senhor. Isto corresponde ao que, uma vez, o Espírito Santo indicava nos Salmos com estas palavras: ‘Atendei à voz do meu clamor, ó meu Rei e meu Deus. A Vós é que rezo; pela manhã, Senhor, ouviu a minha voz, mal nasce o dia exponho o meu pedido e aguardo ansiosamente’ (Sl 5,3-4). Quando, depois, o sol se põe e chega o fim do dia, é necessário colocar-se de novo em oração. Cristo é o verdadeiro sol e o verdadeiro dia, no momento em que o sol e o dia do mundo chegam ao fim, pedindo através da oração, que a luz volte para nós, pedimos que Cristo volte a trazer-nos a graça da luz eterna”⁷.

Os antigos monges estavam de tal modo seguros desta verdade, que não se preocupavam em cantar os Salmos na própria língua materna. Estavam convencidos de que a sua fé permitiria aos versículos dos Salmos desencadear uma particular energia do Espírito Santo⁸.

A tradição judaica atribuiu a muitos Salmos alguns títulos específicos, conferindo-os em grande maioria ao rei Davi. Figura de notável importância humana e teológica, Davi é uma personagem complexa, que atravessou as mais diversificadas experiências fundamentais do viver. Jovem pastor do rebanho paterno, passando pelas vicissitudes alternadas e por vezes dramáticas, torna-se rei de Israel, pastor do povo de Deus. Homem de paz, combateu muitas guerras; incansável e tenaz investigador de Deus, traiu o seu amor, mas demonstrou o seu arrependimento (cf. Sl 50) e permaneceu sempre investigador de Deus, não obstante tenha pecado muitas outras vezes e até gravemente; penitente humilde, recebeu o perdão divino, mas também a pena divina, e aceitou um destino marcado pela dor. Assim, Davi foi um rei, com todas as suas debilidades, “segundo o coração de Deus” (cf. 1Sm 13,14), ou seja, um orante apaixonado, um homem que sabia o que quer dizer

6 Cf. B. DE QUERFURT, *Una via in psalmis*, Roma, MPH VI, 1983, p. 427

7 S. CIPRIANO, *De oratione dominica*, 35: PL,39, 655.

8 Cf. BENTO PP XVI, *O povo de Deus que reza: os Salmos*, in *L'osservatore Romano* 23 (Cidade do Vaticano, 25 de junho de 2011), p. 1-2.

suplicar e louvar. Por conseguinte, a ligação dos Salmos a este rei de Israel é importante, porque ele é uma figura messiânica, Ungido do Senhor, no qual é de certa maneira ofuscado o mistério de Cristo⁹.

Igualmente importantes e significativos são o modo e a frequência com que as palavras dos Salmos são retomadas pelo Novo Testamento, assumindo e sublinhando aquele valor profético sugerido pela ligação do Saltério à figura messiânica de Davi. No Senhor Jesus, que na sua vida terrena recitou com os Salmos, eles encontram o seu cumprimento definitivo e revelam o seu sentido mais pleno e profundo. As orações do Saltério, com as quais se fala a Deus, falam-nos dele, falam-nos do Filho, imagem do Deus invisível (cf. Cl 1,15), que nos revela completamente o Rosto do Pai. Portanto, o cristão, recitando os Salmos, reza o Pai em Cristo e com Cristo, assumindo aqueles cânticos numa nova perspectiva, que tem no mistério pascal a sua última chave interpretativa. O horizonte do orante abre-se assim a realidades inesperadas, e cada Salmo adquire uma nova luz em Jesus Cristo, e o Saltério pode resplandecer em toda a sua riqueza infinita.

Uma característica tipicamente cristã foi acrescentar no fim de cada Salmo e Cântico da doxologia trinitária, “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo”. Assim, cada Salmo e Cântico aparecem iluminados pela plenitude de Deus. Por isto, pode-se afirmar que a oração cristã nasce, alimenta-se e desenvolve-se à volta do acontecimento da fé por excelência, o Mistério pascal de Cristo. Assim, de manhã e à tarde, ao nascer e ao pôr do sol, se recordava a Páscoa, a passagem do Senhor da morte à vida. O símbolo de Cristo “luz do mundo” aparece na lâmpada durante a oração de Vésperas, também chamada por isso lucernário. As horas do dia lembram, por sua vez, a narração da Paixão do Senhor, e a hora tertia a descida do Espírito Santo em Pentecostes. A oração da noite, por fim, tem um caráter escatológico, evocando a vigilância recomendada por Jesus na esperança da sua volta (cf. Mc 13,35-37).

Cadenciando deste modo a sua oração, os cristãos responderam ao mandamento do Senhor de “orar incessantemente” (cf. Lc 18,1; 21,36; 1Ts 5,17; Ef 6,18), mas sem esquecer que toda a vida deve, de qualquer modo, tornar-se oração. Orígenes escreve a este propósito: “Reza sem cessar todo aquele que une a oração às obras e as obras à oração”¹⁰. Este horizonte, no seu conjunto, constitui o ambiente natural da recitação dos Salmos. Se eles são assim sentidos e vividos, a doxologia trinitária que coroa cada Salmo torna-se, para cada um dos que acreditam em Cristo, um contínuo mergulhar, sobre as ondas do Espírito e em comunhão com todo o povo de Deus, no oceano de

9 Cf. BENTO PP XVI, *O povo de Deus que reza: os Salmos*, in *L'osservatore Romano* 23 (Cidade do Vaticano, 25 de junho de 2011), p. 1-2.

10 ORÍGINES, *Sobre a oração XII*, 2; PG 11, 452.

vida e de paz em que está imerso com o Batismo, ou seja, no mistério do Pai, do Filho e do Espírito Santo¹¹.

Exegese do capítulo

A importância que São Bento sublinha em sua Regra ao Ofício Divino pode ser ressaltada através das fórmulas que utiliza para referir-se ao “nada antepor ao ofício Divino” (RB 43,3), e também ao candidato que deseja a vida monástica, é indicado como critério a ser observado para a sua admissão, averiguar a sua solicitude para com o Ofício Divino (cf. RB 58,7). Para melhor entendermos a pensamento de São Bento e a riqueza do capítulo, passamos a uma exegese mais criteriosa do texto.

V. 1-2: *1* Cremos estar em toda parte a presença divina e que “os olhos do Senhor veem em todo lugar os bons e os maus”. *2* Creiamos nisso principalmente e sem dúvida alguma, quando estamos presentes ao Ofício Divino (Ubique credimus divinam esse praesentiam et oculos Domini in omni loco speculari bonos et malos, maxime tamen hoc sine aliqua dubitatione credamus, cum ad Opus divinum adsistimus)

Como introdução ao capítulo, São Bento afirma que Deus está presente em toda parte e olha os homens, bons e maus. A fé nesta presença e neste olhar de Deus atinge sua intensidade máxima na hora do Ofício Divino, que se evidencia como o tempo forte de uma atenção que deve ser: “Sem cessar” (1Ts 5,17). Isto indica que Deus está presente em todas as ações do monge, e pela fé, o monge atualiza esta presença de Deus no decorrer do dia. Esta ideia, como princípio geral da vida monástica já estava presente no capítulo sobre os Instrumentos das Boas Obras: “Saber como certo que Deus o vê em todo lugar” (RB 4,49).

São Bento cita o livro dos Provérbios, ao dizer: “Os olhos do Senhor estão em toda parte: Ele observa atentamente os maus e os bons!” (Pv 15,3). No livro de Jó também encontramos: “Porque os olhos de Deus estão sobre os caminhos de cada um, e ele vê todos os seus passos” (Jó 34,21). Também o Salmo 138 nos diz: “Se eu subisse ao céu, lá estarias tu; e, se eu me deitasse na Sepultura, até mesmo lá estarias tu!” (Sl 139,8). Essas afirmações revelam a doutrina da onipresença de Deus. Pois, diferente de seres limitados como a raça humana, presos ao tempo e ao espaço, Deus é atemporal. Ele está em todo lugar, em todo tempo. Ao afirmar que Deus vê os maus e os bons (cf. Pv 15,3), aponta para a realidade de uma outra doutrina, a qual deve ser também observada, a saber: a doutrina da onisciência de Deus. Deus não

11 Cf. S. JOÃO PAULO PP II, *Audiência Geral: A Liturgia das Horas, oração da Igreja*, in *L'Osservatore Romano* 13 (Cidade do Vaticano, 11 de abril de 2001), p. 4.

só está presente como também conhece e sonda as mentes e os corações dos homens.

Não podemos nos esconder de Deus, pois Ele é onipresente, nem o enganar, pois é também onisciente. Deus sabe exatamente quem somos, o que pensamos e o que fazemos. Todos os pecados ocultos são descobertos diante do Deus onisciente. Ele conhece o passado, o presente e o futuro de cada indivíduo. Portanto, não nos enganemos achando que Deus trata da mesma forma o bem e o mal. Ele é santo em seu caráter e justo em todas as suas obras. Ele sabe a distinção entre o bem e o mal. Entre aquele que vive na prática do pecado e aquele que busca uma vida santa. Deus contempla os maus e os bons e retribuirá a cada um segundo as suas obras. Mas também podemos dizer que Jesus vive para sempre junto do Pai e, por isso mesmo, é onipresente, e está sempre junto de nós¹².

Quando Deus olha para alguém, como Cristo olha, é sempre com o olhar cheio de amor, de quem os escolhe e os estima. A este respeito, sabemos que somos totalmente amados e acolhidos. Também hoje este olhar compassivo de Cristo pousa, incessantemente, sobre cada um de nós. Olhamos ciente de que o projeto divino prevê o seu chamamento à salvação. Jesus conhece as insídias que se levantam contra esse projeto, e tem compaixão das multidões: decide defendê-las do mal, mesmo à custa da sua própria vida. Com o seu olhar misericordioso, Jesus abraça os indivíduos e as multidões e entrega-os todos ao Pai, oferecendo-se a si mesmo em sacrifício de expiação. Esse olhar devolve a confiança a quantos não se fecharam à sua Graça, abrindo a eles a perspectiva da eternidade feliz.

Através de Jesus Cristo, Deus caminha conosco, ele é o Emanuel, ontem, hoje e sempre (cf. Hb 13,8). Lembremos ainda de uma significativa oração de Salomão, que diz: “Estejam os vossos olhos abertos às súplicas de vosso servo e de vosso povo de Israel, para ouvi-los quando vos invocarem. Porque vós, ó Senhor, os separastes dentre todos os povos da terra para vossa herança, como o declarastes pela boca de vosso servo Moisés, quando tirastes nossos pais do Egito” (1Rs 8,52-53).

V. 3-4: ³Lembremo-nos, pois, sempre, do que diz o Profeta: “Servi ao Senhor no temor”. ⁴E também: “Salmodiai sabiamente” (*Ideo semper memores simus quad ait Propheta: ‘Servite Domino in timore’; et iterum: Psallite sapienter*)

A citação apresentada por São Bento, neste versículo 3, “Servi ao Senhor com temor” é muito significativa. Nesta passagem, São Bento foi

12 Cf. BENTO PP XVI, *Homilia na missa crismal*, in *L'osservatore Romano* 13 (Cidade do Vaticano, 5 de abril de 2010), p. 6.

inspirado pela Regra do Mestre (cf. RM 47,4). No entanto, existe uma lacuna. O Salmo 2,11 diz: “*Servite Domino in timore et exultate ei cum tremore*” (Servi ao Senhor com temor e exultai em sua presença; prestai-lhe homenagem com tremor”. A Regra do Mestre usa a segunda parte do versículo: “*Exultate ei cum tremore*”. São Bento escolhe a primeira parte: “*Servite Domino in timore* (Servi ao Senhor com temor). O serviço e o temor de Deus são mais significativos para ele do que a exultação no tremor! O temor de Deus precede a sabedoria, como lembra São Bento no versículo 4: “*Salmodiai sabiamente*”.

Este serviço litúrgico deve ser feito com temor e sabedoria. Essas duas expressões costumam estar relacionadas (cf. RB 21, 31; 53; 64; 66). Os monges, encarregados de servir, por exemplo, o encarregado da hospedaria, o porteiro, o celeireiro, devem “celebrar o Ofício Divino ali mesmo onde trabalham, ajoelhando-se com temor divino” (RB 50,3). Da mesma forma que eles são os representantes do serviço comunitário, a liturgia representa a nossa vida a serviço de Deus.

O temor de Deus, definido na Sagrada Escritura como “o princípio da verdadeira sabedoria” (Prov 9,10), coincide com a fé, com o sagrado respeito pela autoridade do Senhor. Quem teme a Deus sente em si a segurança (cf. Sl 130,2); está tranquilo até nos momentos das tempestades, porque Deus, como Jesus nos revelou, é o Pai cheio de misericórdia e de bondade (cf. Lc 15,11-32). Quem o ama não tem receio, pois, como diz o Apóstolo São João: “No amor não há temor” (1Jo 4,18). Portanto, aquele que teme ao Senhor não se assusta diante de nada, porque sabe que está nas mãos de Deus, sabe que o mal não tem a última palavra¹³. Por isto, o fruto do temor de Deus é a sabedoria, que poderia ser chamada de maturidade espiritual e humana.

Quanto mais crescemos na intimidade com Deus, mais facilmente vencemos qualquer forma de receio, por esta razão, diz o Salmista: “Feliz aquele que teme o Senhor!” (Sl 112,1). E também no Salmo 34 podemos ler: “Vinde, filhos, escutai-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor” (Sl 34,12). Também em outro salmo, temos: “O princípio da sabedoria é o temor do Senhor” (Sl 111,10). Vemos que o Salmista convida cada fiel a cultivar o temor de Deus e este temor não se entende como medo, mas sim o respeito sério e sincero, a adesão genuína e operante ao Criador. O temor de Deus faz-nos ter consciência de que tudo é graça e que a nossa verdadeira força consiste unicamente em seguir o Senhor Jesus e em deixar que o Pai possa derramar sobre nós a sua bondade e a sua misericórdia¹⁴. O temor de Deus é o princípio da sabedoria, por isto o “*psallite sapienter*” (v. 4). O monge deve

13 Cf. BENTO XVI, *Angelus*, 22 de junho de 2009. Disponível em: w2.vatican.va. Acesso em: 28 jun. 2020.

14 Cf. FRANCISCO PP, *Audiência Geral*, 11 de junho de 2014. Disponível em: w2.vatican.va. Acesso em: 28 jun. 2020.

estar sempre consciente de que ele está em uma contínua presença de Deus, e por isto deve libertar-se de todos os pensamentos que não são de Deus.

A reverência diante de Deus amplia o espírito e o coração para a plenitude da caridade divina. A expressão “sapere” significa “ter sabor, saborear”. Seu sentido nesta expressão significa tornar-se partícipe da alegria da plenitude divina. Neste sentido, a salmodia é um júbilo, uma alegria, um louvor da glória divina e a participação neste louvor vem de uma inspiração do Espírito Santo¹⁵.

Observe que, nestes versículos, duas citações dos salmos expressam como devemos estar diante de Deus: “Servi ao Senhor com temor” (Sl 2,11); e também: “Salmodia sabiamente” (Sl 46,8). A primeira palavra vem do verbo “servir”, uma citação que indica o “serviço”. Isto certifica que o Ofício Divino é a expressão de um serviço, de estar diante de Deus como seu servo. Em outros textos da Regra, o Ofício Divino é também designado como serviço, e ainda como serviço que tem cada monge enquanto consagrado (cf. RB 18,24; 16,2 e 50,4). Através da emissão dos conselhos evangélicos, o monge torna-se um servo de Cristo e passa a ser membro de seu Corpo, pertencendo a ele totalmente. Este serviço a Deus se realiza no mútuo servir (cf. RB 35), e também na atenção devida a todos os demais, principalmente quando chegam ao mosteiro (cf. RB 53). Pode-se dizer que a liturgia constitui o núcleo ou o coração desse serviço¹⁶. Nesse sentido, a liturgia é o destaque ou a essência do que vivemos constantemente. A liturgia é o serviço do Senhor, e mesmo “a escola do serviço do Senhor”, como diz o Prólogo (cf. RB Pról. 45).

No século IV, Santo Hilário, Bispo de Poitiers, explica que o temor de Deus “não provém do nosso receio natural, mas do conhecimento da verdade. Para nós, todo o temor de Deus vem do amor”¹⁷. Deus é Pai e nos ama; ele quer a nossa salvação e nos perdoa sempre; por isso, não há motivo para ter medo. Quando estamos cheios do temor de Deus, então somos levados a seguir o Senhor com humildade, docilidade e obediência, com a alegria de um filho que se reconhece servido e amado pelo Pai. Portanto, o temor de Deus é uma dádiva que faz de nós cristãos convictos e entusiastas, que não permanecem submetidos ao Senhor por medo, mas porque se sentem comovidos e conquistados pelo seu amor¹⁸.

V. 5: *5E ainda: “Cantar-vos-ei em face dos anjos” (et: In conspectu angelorum psallam tibi)*

15 Cf. C. COLLART, *A sabedoria de São Bento para o nosso tempo*, São Paulo, Palavra e Prece, 2011, p. 115.

16 Cf. A. BÖKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 153-154.

17 Cf. S. HILÁRIO DE POITIERS, *Dos Tratados sobre os salmos*, in *Lecionário Monástico*. Rio de Janeiro, 1999, p. 206-207.

18 Cf. L. cit..

Neste versículo, São Bento indica que o coro dos monges está associado ao dos anjos. Existe aqui mais do que a união puramente intencional e ideal de dois mundos. Pelo seu ser pneumático, o monge já vive no outro ambiente. Para São Bento, os monges são portadores da vida angélica, comungando e vivendo com os bem-aventurados que cantam os louvores divinos e estão na presença de Deus e dos seus anjos. Esta ideia vem da tradição monástica oriental e significa muito mais do que uma simples presença intencional de Deus; revela o caráter do mistério do culto litúrgico¹⁹. São Bento não insiste na atitude exterior, mas mergulha diretamente na realidade da fé, na qual fomos inseridos mediante o Sacramento do Batismo. É necessário estar consciente de que, no Ofício Divino, estamos diante dos anjos e somos convidados a participar da liturgia celestial.

Estas considerações nos fazem voltar novamente ao primeiro grau da humildade, onde temos: “Considerare-se o homem visto do céu, a todo momento, por Deus e suas ações vistas em toda parte pelo olhar da divindade e anunciadas a todo instante pelos anjos” (RB 7,13). E neste mesmo capítulo sobre a humildade, São Bento volta a frisar: “Devemos ter cuidado, irmãos, a toda hora, como diz o Profeta no Salmo, para que não aconteça que Deus nos veja no momento em que caímos no mal, tornando-nos inúteis” (RB 7,29). Segundo Santo Agostinho, os anjos têm a missão de levar nossa oração dirigida a Deus²⁰. Por esta razão, podemos afirmar que mesmo nas comunidades mais simples, toda a corte celestial acontece ali, e, com ela, todo o universo se une em oração ao Deus Criador²¹.

Mas, podemos ainda perguntar: “O que é um Anjo?”. O termo “Anjo”, na língua grega “ἄγγελος” (angelos) e no latim “Angelus”, significa mensageiro, enviado. Segundo a tradição judaico-cristã são seres celestiais e espirituais, que têm a missão de servir como ajudantes ou mensageiros de Deus (cf. Ap 19,10). Na iconografia comum, os anjos geralmente têm asas de ave, um halo e têm uma beleza delicada, emanando forte brilho. Por vezes, são representados como uma criança, por sua inocência e virtude²².

A Sagrada Escritura e a tradição da Igreja nos ensinam que o Anjo é

19 M. PUZICHA, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Suresnes, Les éditions du net, 2015, p. 242-243.

20 Cf. S. AGOSTINHO, *Ep.* 130,9.

21 A. BÖKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 156.

22 Santo Agostinho diz a respeito dos Anjos: “Angelus... officii nomen est, non naturae. Quaeris nomen naturae, spiritus est; quaeris officium, angelus est: ex eo quod est, spiritus est: ex eo quod agit, angelus – Anjo é nome de ofício, não de natureza. Desejas saber o nome da natureza? Espírito. Desejas saber o do ofício? Anjo. Pelo que é, é espírito: pelo que faz, é anjo, o mensageiro” (S. AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum*, 103, 1, 15: CCL 40, 1488 (PL 37, 1348-1349). Com todo o seu ser, os anjos são servos e mensageiros de Deus. Pelo fato de contemplarem “continuamente o rosto do meu Pai que está nos céus” (Mt 18, 10), eles são “os poderosos executores das suas ordens, sempre atentos à sua palavra” (Sl 103, 20). Enquanto criaturas puramente espirituais, são dotados de inteligência e vontade: são criaturas pessoais (cf. PIO PP XII, *Carta Encíclica “Humani generis”*: DS 3891) e imortais (cf. Lc 20,36). Excedem em perfeição todas as criaturas visíveis. O esplendor da sua glória assim o atesta (cf. Dn 10,9-12).

uma criatura que está diante de Deus, orientada, com todo o seu ser para Deus. Os três nomes dos Arcanjos terminam com a palavra “El”, que significa “Deus”. Deus está inscrito nos seus nomes, na sua natureza. A sua verdadeira natureza é a existência em vista Dele e para Ele. Explica-se, precisamente assim, também o segundo aspecto que caracteriza os Anjos: eles são mensageiros de Deus. Trazem Deus aos homens, abrem o céu e assim abrem a terra. Exatamente porque estão junto de Deus, podem estar também muito próximos do homem. Como de fato, Deus é mais íntimo a cada um de nós de quanto o somos nós próprios. Os Anjos falam ao homem do que constitui o seu verdadeiro ser, do que na sua vida com muita frequência está velado e escondido²³.

No texto do Evangelho, escrito por São Marcos (cf. Mc 1,12-15), temos o conhecido trecho em que nos apresenta a tentação de Cristo no deserto e a perícopos conclui mostrando que após as investidas de Satanás, os anjos “serviam” Jesus (cf. Mc 1,13). São eles o contraponto de Satanás, pois, como vimos, “anjo” quer dizer “enviado”. Em todo o Antigo Testamento encontramos estas figuras que, em nome de Deus, ajudam a orientar os homens. Podemos ainda recordar o livro de Tobias, no qual aparece a figura do anjo Rafael, que assiste o protagonista em numerosas vicissitudes (cf. Tb 5,4-6). No início do novo Testamento, o Anjo Gabriel é enviado para anunciar a Zacarias e à Virgem Maria os significativos acontecimentos que se encontram no princípio da nossa salvação²⁴.

Por ocasião da anunciação, o Anjo Gabriel bate à porta da Virgem Maria, como nos narra o Evangelista São Lucas (cf. Lc 1,26-38), para pedir a ela o seu “sim” mediante a proposta de se tornar a Mãe do Redentor; dar a sua carne humana ao Verbo eterno de Deus, ao Filho de Deus. Mas também repetidas vezes o Senhor bate às portas do coração humano. No Livro do Apocalipse, podemos ler: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele” (Ap 3,20). O Senhor está à porta de cada coração para fazer nele a sua morada, como também nos ressalta

23 Cf. BENTO PP XVI, *Homilia por ocasião da ordenação episcopal na festa dos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, aos 29 de setembro de 2007*. São Paulo, Molokai, p. 426.

24 Os anjos são mencionados na Sagrada Escritura desde a criação (cf. Jó, 38,7) e ao longo de toda a história da salvação, anunciando, de longe ou de perto, esta mesma salvação, e postos ao serviço do plano divino da sua realização: eles fecham o paraíso terrestre (cf. Gn 3,24), protegem Lot (cf. Gn 19), salvam Agar e seu filho (cf. Gn 21,17), detêm a mão de Abraão (cf. Gn 22, 11), pelo seu ministério é comunicada a Lei (cf. At 7,53), são eles que conduzem o povo de Deus (cf. Ex 23,20-23), anunciam nascimentos (cf. Jz 13) e vocações (cf. Jz 6,11-24; Is 6,6), assistem os profetas (cf. 1Rs 19,5). Notamos ainda que desde a Encarnação até à Ascensão, a vida do Cristo é rodeada da adoração e serviço dos anjos. Quando Deus introduziu no mundo o seu Primogênito, disse: “Adorem-no todos os anjos de Deus” (Hb 1,6). O seu cântico, por ocasião do nascimento de Cristo, nunca deixou de se ouvir no louvor da Igreja: “Glória a Deus nas alturas...” (Lc 2,14). Eles protegem a infância de Jesus (cf. Mt 1,20; 2,13.19), e o confortam no momento da agonia (cf. Lc 22,43), no momento em que por eles poderia ter sido salvo das mãos dos inimigos (cf. Mt 26,53), como outrora Israel (cf. 2Mc 10,29-30; 11,8). São ainda os anjos que anunciam a Boa Nova da Encarnação (cf. Lc 2,8-14) e da Ressurreição (cf. Mc 16,5-7) de Cristo. E estarão presentes no anúncio da segunda vinda de Cristo (cf. At 1,10-11).

o próprio Cristo: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada” (Jo 14,23).

O Evangelista São Mateus registra que foi um anjo, do qual não se diz o nome, que advertiu São José, orientando-o naquele momento de incerteza (cf. Mt 1,20). Um coro de anjos anuncia aos pastores a boa notícia do nascimento do Salvador (cf. Lc 2,10-14); assim, serão também os anjos que anunciarão às mulheres a notícia jubilosa da sua ressurreição (cf. Mt 28,2). No final dos tempos, os anjos hão de acompanhar Jesus, na sua vinda, na glória (cf. Mt 25,31). Os anjos servem Jesus, que certamente é superior a eles, e esta sua dignidade é proclamada no Evangelho de maneira clara, embora discreta²⁵.

Se olharmos o Missal Romano, iremos nos deparar com significativas orações próprias para a celebração da festa dos Arcanjos, ocorrida no dia 29 de setembro. Neste dia, a oração depois da comunhão invoca a proteção dos anjos: “Alimentados na força do pão do céu, dai-nos, ó Deus, sob a proteção dos vossos anjos, progredir no caminho da salvação”²⁶. Na oração da coleta para este dia, a Igreja reza ao Senhor com estas palavras: “Ó Deus, que organizais de modo admirável o serviço dos anjos e dos homens, fazei que sejamos protegidos na terra por aqueles que vos servem no céu”²⁷. E nesta mesma celebração, no momento da oração sobre as oferendas, diz o Sacerdote: “Nós vos apresentamos, ó Deus, com nossas humildes preces, estas oferendas de louvor; fazei que levados pelos anjos à vossa presença, sejam recebidas com agrado e obtenham para nós a salvação”²⁸.

Também é significativa a oração realizada pelo sacerdote no Prefácio da Missa que a Igreja preparou para este dia dos Arcanjos: “Pai Santo, Deus eterno e todo poderoso, é a Vós que glorificamos ao louvarmos os anjos que criastes e que foram dignos do vosso amor. A admiração que eles merecem nos mostra como sois grande e como deveis ser amado acima de todas as criaturas. Pelo Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, louvam os anjos a vossa glória, as dominações vos adoram, e, reverentes, vos servem potestades e virtudes. Concedei-nos também a nós, associar-nos à multidão dos querubins e serafins, cantando a uma só voz...”²⁹.

As orações para a celebração dos Santos Anjos da Guarda, ocorrida no dia 2 de outubro, na oração da coleta, pedimos: “Ó Deus, que na vossa misteriosa providência mandai os vossos anjos para guardar-nos, concedei que nos defendam de todos os perigos e gozemos eternamente do seu

25 Cf. BENTO PP XVI, *Angelus*, 1º de março de 2009, in *L'Osservatore Romano* 9 (5 de março de 2009), p. 5

26 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 666.

27 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 665.

28 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 666.

29 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 447.

convívio”³⁰. E a oração sobre as oferendas, diz: “Acolhei, ó Deus, as nossas oferendas em honra dos santos anjos e fazei que, velando sempre ao nosso lado, nos guardem dos perigos desta vida e nos levem à vida eterna”³¹. Também é significativa a oração depois da comunhão, em que suplicamos: “Ó Deus, que alimentais com tão grande sacramento a nossa peregrinação para a vida eterna, guiai-nos por meio dos vossos anjos, no caminho da salvação e da paz”³². Estas passagens do Missal Romano certificam uma vez mais a ação poderosa dos anjos sobre cada homem, como já assinalava S. Basílio Magno (330-369): “Cada fiel é ladeado por um anjo, como protetor e pastor para conduzi-lo à vida”³³. Desde este mundo, a vida cristã participa, pela fé, na sociedade bem-aventurada dos anjos e dos homens, unidos em Deus (cf. ClgC 336).

Além das inúmeras outras orações recomendadas pela Igreja, em que os fiéis suplicam a intercessão dos Anjos, podemos ainda lembrar do Ritual das Exéquias, no qual o sacerdote, no momento da despedida dos defuntos, suplica em oração: “O coro dos anjos te receba”³⁴. Com isto, excluiríamos uma parte notável do Evangelho, se eliminássemos estes seres enviados por Deus, que anunciam a sua presença no meio de nós e constituem um sinal vivo de que Ele está no meio de nós. Saibamos invocá-los com frequência, a fim de que nos sustentem no compromisso de seguir o Cristo Senhor, a ponto de nos identificarmos sempre com Ele.

V. 6-7: *‘Consideremos, pois, de que maneira cumpre estar na presença da Divindade e de seus anjos;’ e tal seja a nossa presença na salmodia, que nossa mente concorde com nossa voz (Ergo consideremus qualiter oporteat in conspectu Divinitatis et angelorum eius esse, et sic stemus ad psallendum, ut mens nostra concordet voci nostrae)*

São Bento inicia este versículo ressaltando, uma vez mais, que no Ofício Divino estamos “na presença da Divindade e dos seus Anjos” (v. 6), na qual é realizada a oração coral. A expressão “divinitas” lembra a influência dos estoicos. Os monges cantam diante da corte celeste. Esta Divindade pode conter a grandeza e a santidade de Deus em conjunto, incluindo a de seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo³⁵.

Para São Bento, todas as nossas ações devem realizar-se na presença de Deus e sob a constante vigilância dos anjos, quanto mais entramos em imediata relação com Deus. A consciência de estarmos na presença de Deus e

30 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 669.

31 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 669.

32 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 670.

33 S. BASÍLIO MAGNO, *Adversus Eunomium* 3, 1; SC 305, 148 (PG 29, 656B).

34 CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Celebração das Exéquias*, Fátima, Ficheiro, 2020, p. 25.

35 Cf. JOÃO CASSIANO, *Conferências* X, 6,1-2.

de seus anjos deve ser perfeita. Para entender melhor a importância do Ofício Divino, devemos nos conscientizar desta visão espiritual. Esta maneira de salmodiar faz parte da reverência na oração³⁶.

E São Bento ainda diz: “...que a nossa mente concorde com a nossa voz” (v. 7). A palavra “voz” designa tudo o que se ouve, ou seja, todas as palavras faladas e cantadas. O que ouvimos na liturgia, tanto no tempo de São Bento como hoje, é essencialmente a Sagrada Escritura. Nossa própria voz pode, portanto, dizer e cantar as palavras da Bíblia: a estrofe inicial, o convite, os salmos, as leituras, as respostas, o hino, a oração do Pai nosso etc. Essas palavras são inspiradas pelo Espírito Santo. O “coração” do homem, o interior do homem, deve estar em harmonia com o Espírito de Deus. Afirma-se que nossa vida deve ser concedida à palavra de Deus, onde temos o evangelho, os salmos etc. Podemos insistir no que diz respeito aos salmos: devemos cantá-los, no sentido pleno do termo, isto é, segundo a interpretação cristológica³⁷.

A dignidade da oração da Igreja deve corresponder à intensa devoção da nossa alma e, visto que a voz do orante repete os poemas escritos por inspiração do Espírito Santo, que proclamam e exaltam a perfeitíssima grandeza de Deus, é ainda necessário que a essa voz se junte o movimento interior do nosso espírito, para fazer nossos aqueles mesmos sentimentos com os quais nos elevamos ao céu, honramos a Santíssima Trindade e lhe rendemos os devidos louvores e ações de graças: “Devemos salmodiar de modo que a nossa mente concorde com a nossa voz” (v.7) Não se trata, pois, de uma recitação somente, ou de um canto que, embora perfeito segundo as leis da arte musical e as normas dos sagrados ritos, chegue apenas ao ouvido; mas sobretudo de uma elevação da nossa mente e da nossa alma a Deus para que nos consagremos, nós e todas as nossas ações a ele, unidos com Jesus Cristo. Disso depende certamente a eficácia das orações, as quais, se não se dirigem ao próprio Verbo feito homem, concluem com uma inclinação em reverência ao nome da Santíssima Trindade³⁸.

Os salmos constituem parte principal do Ofício Divino e abrangem todo o curso do dia e lhe dão um ornamento de santidade. Cassiodoro disse a propósito dos salmos distribuídos no Ofício Divino do seu tempo: “Eles... com júbilo matutino nos tornam favorável o dia que está para começar, santificam a primeira hora do dia, consagram a terceira hora, alegram a sexta na fração do pão, assinalam, à nona, o fim do jejum, concluem o término do dia e impedem o nosso espírito de obscurecer-se ao avizinhar-se a noite³⁹”.

Participar do Ofício Divino é, portanto, em primeiro lugar, um ato de

36 Cf. F. RIVAS. *Para que la mente concuerde con la voz, Análisis del cap. 19 de la Regla de S. Benito*, in *Cuadernos Monásticos* 22 (1987) 189-190.

37 A. BÖKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 157.

38 Cf. PIO PP XII, *Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia “Mediator Dei”*, Roma, 1947, n. 131-134.

39 CASSIODORO, *Explicatio in Psalterium*, Prefácio; PL 70,10.

fé. Esse ato de fé ou de crença é logo completado, na recomendação de São Bento, por um esforço contínuo de fazer “concordar a mente com a voz” (v. 7). Quando mais concordamos, fazendo nossa essa oração que é da Igreja, mais haveremos de ser verdadeiros. Nós emprestamos nossa voz à Igreja e temos a função de integrar a voz da humanidade, espalhada por toda a parte, numa só e mesma voz da Igreja, e assim formar uma só e mesma Igreja orante diante de Deus, por toda a humanidade, pelos que rezam e pelos que não rezam. Santo Agostinho já recorda: “Não é a voz de um só que canta os salmos, mas a de todos os membros de Cristo. Porém, como todos estão em seu corpo, é como se fosse um só a falar. Pois é um e ao mesmo tempo são muitos. Muitos, se tomarmos cada um separadamente; um só, se considerarmos aquele que é um”⁴⁰. E Santo Agostinho ainda frisa: “Esse templo de Deus, esse Corpo de Cristo, essa assembleia de fiéis possui uma só voz, e é como uma só pessoa que canta no salmo. Se o quisermos, quando nosso ouvido escutar o cantar, nós é que cantaremos com o coração. Mas, se não o quisermos, estaremos no templo como os compradores e os vendedores (cf. Mc 11,17), buscando apenas nossos interesses. Teremos entrado na Igreja, mas não para fazer o que agrada a Deus”⁴¹. A Igreja sempre teve fé na comunhão dos santos, essa unidade entre todos os seres humanos santificados pela graça de Deus que fez de nós um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 12,27). Por isso, desde o seu início, a Igreja sempre rezou por todos e em nome de todos, como acontece também nos mosteiros⁴².

A expressão “mens” (mente) (v. 7), designa o interior do homem, mas também pode designar o coração, por isto pode-se dizer que, na perspectiva de São Bento, é necessário transformar o mais íntimo de nós mesmos pela palavra de Deus. A liturgia não se limita a uma atuação interior da comunidade, mas também a uma ação exterior. A Regra de São Bento faz referência também a uma liturgia celebrada a serviço dos pobres e dos estrangeiros. No momento de lavar os pés dos hóspedes, São Bento prescreve que seja cantado o versículo do salmo: “Senhor, recebemos a tua misericórdia no meio do seu templo” (RB 53,14). O salmo ajuda a trazer à luz a dimensão profunda do serviço. Cristo vem a nós como a misericórdia de Deus feito homem. Estas são as formas mais significativas de sua presença entre nós: ele está conosco, na liturgia, nos pobres e nos peregrinos⁴³.

40 S. AGOSTINHO, *Comentário sobre os salmos*, in *Lecionário Monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 253.

41 S. AGOSTINHO, *Comentário sobre os salmos*, in *Lecionário Monástico*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1999, p. 254-255.

42 Cf. COLLART, 2011, p. 114.

43 A. BÖKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 158.

Conclusão

Se considerarmos este capítulo como um todo, podemos ver claramente que São Bento nos convida a viver continuamente na presença de Deus. Está de acordo com a prioridade, afirmada de maneira peremptória por São Bento: “Absolutamente nada se anteponha ao Ofício Divino” (RB 43,3). Ao insistir nesta obrigação, nota-se que São Bento, neste capítulo, atualiza e aprofunda essa espiritualidade coral⁴⁴.

A este propósito, parece significativo o título que a tradição judaica conferiu ao Saltério. Ele chama-se “tehillim”, um termo hebraico que quer dizer “louvores”, tirada daquela raiz verbal que encontramos na expressão “Halleluyah”, isto é, literalmente: “Louvai o Senhor”. Por conseguinte, este livro de orações, não obstante seja tão multiforme e complexo, com os seus diversos gêneros literários e com a sua articulação entre louvor e súplica, é em última análise um livro de louvores, que ensina a dar graças, a celebrar a grandeza do dom de Deus, a reconhecer a beleza das suas obras e a glorificar o seu nome santo. Esta é a resposta mais adequada diante do manifestar-se do Senhor e da experiência da sua bondade⁴⁵. Ensinando-nos a rezar, os Salmos ensinam-nos que também na desolação, inclusive na dor, a presença de Deus é uma fonte de maravilha e de consolação; pode-se chorar, suplicar, interceder e lamentar-se, mas com a consciência de que estamos a caminhar rumo à luz, onde o louvor poderá ser definitivo, como nos ensina o Salmo 36: “Em vós está a fonte da vida, e é na vossa luz que vemos a luz!” (Sl 36,10).

Através dos salmos, a Palavra de Deus transforma-se em voz de oração. As palavras do Salmista inspirado tornam-se também palavras do orante que recita os Salmos. Estas são a beleza e a particularidade deste livro bíblico: as preces nele contidas, diversamente de outras orações que encontramos na Sagrada Escritura, não estão inseridas numa trama narrativa que especifica o seu sentido e a sua função. Os Salmos são dados ao fiel, precisamente, como texto de oração, que tem como única finalidade tornar-se a oração daqueles que os assumem e com eles se dirigem a Deus. Dado que são uma Palavra de Deus, quem recita os Salmos fala a Deus com as palavras que o próprio Deus nos concedeu, dirige-se a Ele com as palavras que Ele mesmo nos doa. Deste modo, recitando os Salmos aprendemos a rezar. Eles constituem uma escola de oração⁴⁶.

Com a recitação dos salmos aprendamos a nos dirigir a Deus, a nos comunicarmos com Ele, a falar-lhe de nós com as suas palavras. Através de

44 A. BÖKMANN, *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018, p. 159.

45 Cf. BENTO PP XVI, *O povo de Deus que reza: os Salmos*, in *L'osservatore Romano* 23 (Cidade do Vaticano, 25 de junho de 2011), p. 1-2.

46 Cf. BENTO PP XVI, *O povo de Deus que reza: os Salmos*, in *L'osservatore Romano* 23 (Cidade do Vaticano, 25 de junho de 2011), p. 1-2.

tais palavras, será possível também conhecer e aceitar os critérios do seu agir, aproximar-se do mistério de seus pensamentos e de seus caminhos (cf. Is 55,8-9), de maneira a crescer cada vez mais na fé e no amor.

A união com Deus, que se estabelece pela recitação dos salmos, nos proporciona uma intimidade com Ele, por isto o saltério deve ser sempre o nosso guia, a nos acompanhar quotidianamente no caminho da oração. Conhecemos de São Bento a recomendação deixada aos monges na sua Regra: “Nada anteponha absolutamente a Cristo” (RB 72,11; cf. 4,21). Peçamos a São Bento que nos ajude a manter firme a centralidade de Cristo em nossa existência. Que ele esteja sempre em primeiro lugar nos nossos pensamentos e em cada uma das nossas atividades!

Referências

BENTO PP XVI, *Angelus*, 1º de março de 2009, in *L'Osservatore Romano* 9 (5 de março de 2009), p. 5

_____. *Angelus*, 22 de junho de 2009. Disponível em: w2.vatican.va. Acesso em: 28 jun. 2020.

_____. *Homilia na missa crismal*, in *L'osservatore Romano* 13 (Cidade do Vaticano, 5 de abril de 2010), p. 6.

_____. *Homilia por ocasião da ordenação episcopal na festa dos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, aos 29 de setembro de 2007*. São Paulo, Molokai, p. 426.

_____. *O povo de Deus que reza: os Salmos*, in *L'osservatore Romano* 23 (Cidade do Vaticano, 25 de junho de 2011), p. 1-2.

BÖCKMANN, A. *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*, Paris, Les éditions du cerf, 2018.

COLLART, C. *A sabedoria de São Bento para o nosso tempo*, São Paulo, Palavra e Prece, 2011.

COLOMBÁS, G. M. *La Regla de San Benito*. Madrid, 2000.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Celebração das Exéquias*, Fátima, Ficheiro, 2020, p. 25.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Missal Romano*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 666.

CASSIODORO, *Explicatio in Psalterium*, Prefácio; PL 70,10.

Catecismo da Igreja Católica, Petrópolis, Vozes, 1994.

- DE QUERFURT, B. *Una via in psalmis*, Roma, MPH VI, 1983, p. 427
- FRANCISCO PP, *Audiência Geral, 11 de junho de 2014*. Disponível em: w2.vatican.va. Acesso em: 28 jun. 2020.
- McKENZIE, J. L. *Salmos*, in *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1983, p. 827-830.
- JOÃO CASSIANO, *Conferências X*, 6,1-2.
- ORÍGINES, *Sobre a oração XII*, 2; PG 11, 452.
- PIO PP XII, *Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia “Mediator Dei”*, Roma, 1947, n. 131-134.
- PUZICHA, M. *Commentaire de la Règle de Saint Benoît*. Suresnes, 2015.
- S. BASÍLIO MAGNO, *Adversus Eunomium* 3, 1; SC 305, 148: PG 29, 656.
- S. BASÍLIO MAGNO. *As Regras mais breves*, q. 225: PG 31,1231.
- S. GREGÓRIO MAGNO. *São Bento: Vida e Milagres*, Rio de Janeiro, 2014, n. II,11.
- S. CIPRIANO, *De oratione dominica*, 35: PL,39, 655.
- S. HILÁRIO DE POITIERS, *Dos Tratados sobre os salmos*, in *Lecionário Monástico*. Rio de Janeiro, 1999, p. 206-207.
- S. JOÃO PAULO PP II, *Audiência Geral: A Liturgia das Horas, oração da Igreja*, in *L’Osservatore Romano* 13 (Cidade do Vaticano, 11 de abril de 2001), p. 4.
- _____. *Audiência Geral: Os Salmos na Tradição da Igreja*, in *L’Osservatore Romano* 12 (Cidade do Vaticano 2 de abril de 2001), p. 4.
- RIVAS, F. *Para que la mente concuerde con la voz, Análisis del cap. 19 de la Regla de S. Benito*, in *Cuadernos Monásticos* 22(1987)187-197.

Artigo recebido em 10/07/2021 e aprovado para publicação em 26/08/2021

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i40-2021-1>

Como citar:

CHAGAS DE PAIVA, A. RB 19 – Da maneira de Salmodiar. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 305-322, jul./dez. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br